

# Bibliografia sobre comunicação e educação

Ismar de Oliveira Soares<sup>1</sup>

*Professor livre-docente do Departamento de Comunicações e Artes da ECA/USP.*

*Coordenador do NCE<sup>2</sup> – Núcleo de Comunicação e Educação.*

*Presidente da UCIP – Union Catholique Internationale de la Presse (2001-2004).*

*E-mail: ismarolive@yahoo.com*

ROMANCINI, Richard; LAGO, Cláudia. **História do jornalismo no Brasil.** Florianópolis: Insular, 2007.

Contar a história da imprensa no Brasil é falar sobre a própria história social brasileira. Com esse objetivo, os professores Richard Romancini e Cláudia Lago lançaram o livro *História do Jornalismo no Brasil*. Para eles, é possível enxergar, com olhos analíticos e isentos, tanto os momentos em que a imprensa lutou contra governos autoritários, pagando um alto preço por isso, quanto aqueles em que foi, no mínimo, participante de sistemas políticos antidemocráticos, como a ditadura Vargas e o regime militar instituído em 1964. A obra é especialmente voltada para atender estudantes e leigos interessados na formação e no desenvolvimento da comunicação social, com ênfase especialmente no jornalismo impresso. Para Romancini, o jornalismo é uma prática social que não se resume às suas técnicas de produção. Segundo ele, o fenômeno global do jornalismo está profundamente ligado ao contexto sociohistórico com o qual interage: “Ao mesmo tempo em que reflete características desse contexto e noticia os fatos correntes, o jornalismo atua nos acontecimentos e no processo histórico, numa relação complexa”, afirmou por ocasião do lançamento da obra, durante o 30º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), ocorrido em Santos (SP), entre 29 de agosto e 2 de setembro de 2007.

LUZ, Dioclécio. **A arte de pensar e fazer rádios comunitárias.** 2007. (Edição do autor).

Para a grande mídia e para o Estado brasileiro, quem faz rádio comunitária no Brasil é invisível ou marginal. Uma boa rádio é o tipo de coisa que incomoda o poder, principalmente o da comunicação. À parte essa discriminação secular, os que fazem rádio comunitária têm recursos limitados para estudar, comprar CDs, livros, revistas, jornais, abrir conta na internet, assistir a um bom *show*, isto é, ter acesso à cultura. Por isso, são poucos os livros tratando das rádios comunitárias. É, portanto, bem-vinda uma obra que se disponha a abordar o tema, numa linguagem direta e por um preço acessível. É o caso de *A Arte de Pensar e Fazer Rádios Comunitárias*, do jornalista e escritor Dioclécio Luz, lançada este ano. Nela, o autor resgata a concepção de comunicação

1. Com a colaboração de Maria Izabel Leão.

2. O NCE localiza-se na Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443 – bloco 9, sala 8 – Cidade Universitária – CEP 0558-900 – São Paulo/SP – Tel.: (11) 3091-4784. E-mail: nce@edu.usp.br.

como compartilhamento, debate a estética em contraponto à indústria cultural e questiona o atual modelo de comunicação. Aponta também para o desafio de se construir um novo modelo de rádio, em que a gestão seja comunitária e participativa e a programação, voltada para a comunidade, com ênfase nos preceitos educativos de Paulo Freire, sempre com muito humor. Não há nada de utópico nisso. Dioclécio conta que boa parte do que pensou como algo de positivo para as rádios comunitárias já existe e foi implantado em emissoras (invisíveis) do interior do País. Ele, porém, não se limita a revelar as virtudes dos que fazem rádios comunitárias; também questiona alguns graves defeitos hoje encontrados nelas. Por exemplo, quando seus locutores resolvem copiar modelos comerciais dos grandes centros urbanos, ou quando organizações religiosas se apossam da rádio comunitária para fazer proselitismo.

Contudo, a obra não é encontrada em livrarias. Os interessados devem procurar informações no endereço: [dioclecioluz@terra.com.br](mailto:dioclecioluz@terra.com.br).

MEIRELLES, Renata. **Giramundo**: e outros brinquedos e brincadeiras dos meninos do Brasil. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

O livro de Renata Meirelles registra a aventura de uma pesquisa realizada durante vários anos entre crianças e adultos em diversas regiões do Brasil, mas principalmente na Amazônia. São apresentados mais de 30 brinquedos e brincadeiras artesanais ou ao ar livre, e a autora descreve a maneira de brincar e ensina, passo a passo, a confeccionar os brinquedos. Mostra também que brincar independe de recursos materiais e que brinquedos são construídos das mais diversas formas nos muitos cantos do País: os meninos caboclos Valdo e Donato, da aldeia indígena de São José Galibi, às margens do rio Oiapoque, por exemplo, observam o pai fazer piões de tucumã; os garotos de Taboão da Serra, São Paulo, realizam competições com tampinhas de detergente; seu Zico, em Colina, interior de São Paulo, ensina a construir helicópteros com caixas de fósforo; dona Júlia, na aldeia Canauanin, em Roraima, trança como ninguém os fios das brincadeiras de barbante. Estas e outras histórias apontam o caminho de uma educomunicação ao alcance de todos.

GOMES, Ana Luiza. **Na boca do rádio**: o radialista e as políticas públicas. São Paulo: Hucitec, 2007.

O livro discute a importância do rádio e dos radialistas na popularização do conhecimento e na garantia dos direitos sociais conquistados pelo povo brasileiro no processo de redemocratização do País. Considerado um dos meios de comunicação mais acessíveis e populares no Brasil, o valor educativo e mobilizador atribuído ao veículo ilumina a questão central da obra: a formação dos radialistas como passaporte para a ressignificação do rádio, que é uma concessão pública e, como tal, está também desafiado a agir em nome da causa pública. Fruto da pesquisa de mestrado da autora, defendida na ECA-USP em março de 2007, sob orientação do prof. dr. Adílson Citelli, o livro tem prefácio de Heródoto Barbeiro, gerente de jornalismo do Sistema Globo de Rádio em São

Paulo. Ao longo de suas 215 páginas, remonta alguns cenários que marcam a diversidade do rádio brasileiro, obtidos das 142 emissoras comerciais e comunitárias instaladas em 138 municípios de 19 estados do Brasil, tais como o retrato de suas grades de programação e o mapeamento do perfil e das demandas de informação e formação de 155 comunicadores populares.

KOCH, Ingedore G.; BENTES, Anna C.; CAVALCANTE, Mônica M. **Intertextualidade, diálogos possíveis**. São Paulo: Cortez, 2007.

A intertextualidade constitui um dos grandes temas para cujo estudo têm-se dedicado tanto a Lingüística Textual como uma série de outras disciplinas, particularmente a Teoria Literária, no interior da qual o conceito teve origem. A Lingüística Textual incorporou o postulado dialógico de Bakhtin, segundo o qual um texto não existe nem pode ser avaliado e/ou compreendido isoladamente: ele está sempre em diálogo com outros textos. Assim, todo texto revela uma relação radical de seu interior com seu exterior. É a partir dessa configuração teórica que os autores tomam como objetivo analisar, com o auxílio de muitos exemplos – alguns tirados da publicidade ou da produção poética contemporânea –, essa necessária presença do outro naquilo que ouvimos, que dizemos (escrevemos) ou produzimos. O livro, em suas conclusões, chama a atenção para os limites da intertextualidade, seja por meio da manipulação de determinados intertextos, seja por meio da manipulação de modelos gerais de produção e recepção dos discursos. Sendo assim, permite ao leitor um aprofundamento dos termos da constante circulação de formas e modelos de intertextualidade, como, por exemplo, do domínio literário para o midiático ou deste para o literário, como se propõe nos estudos voltados para a área da “educação para a mídia”. Trata-se de uma obra que vai de encontro à proposta educacional de se buscar maneiras alternativas de entendimento da comunicação, integrando as várias formas de discursos produzidos na sociedade contemporânea.

DEJAVITE, Fábila Angélica. **INFOtenimento**: informação + entretenimento no jornalismo. São Paulo: Paulinas/SEPAC, 2006.

A partir do pressuposto de que o entretenimento sobressai, no tempo vigente, como um dos valores emergentes e que o desfrute do tempo livre tem levado as pessoas ao aprendizado e ao enriquecimento cultural, a autora emprega o neologismo *INFOtenimento* para analisar o conteúdo editorial do jornal diário impresso, quando se dispõe a fornecer informação e diversão ao leitor, ao mesmo tempo em que oferece uma prestação de serviço. Trata-se de uma prática híbrida, fracionada, aparecendo implícita ou explicitamente, ora na primeira página, em cadernos culturais ou em suplementos, ora em alguma charge ou mesmo em editorias tidas como mais sérias, como as de política e economia. O valor do livro está na contribuição que oferece ao leitor leigo para o entendimento das teorias mais recentes do campo do jornalismo e do lazer, levando em conta a habilidade da autora em trabalhar com os principais pensadores contemporâneos da área da comunicação social. Segundo a autora, “[...] no

jornalismo de INFOtenimento uma mesma matéria pode muito bem informar entretendo ou, então, entreter por meio da informação [...]”; no entanto “[...] nele, o limite ético que separa jornalismo e entretenimento não existe [...]”. Dejavite é crítica com relação aos benefícios da denominada “sociedade da informação” e às promessas de que o uso das tecnologias melhoraria, de per si, a qualidade de vida dos povos. A mesma sensibilidade acompanha a análise dos estilos alternativos com que o jornalismo passa a retratar a realidade ao nosso redor.

ARANTES, Valéria Amorim (Org.). **Humor e alegria na educação**. São Paulo: Summus Editorial, 2006.

Um dos pressupostos da educomunicação, campo emergente que aproxima a educação das manifestações da cultura contemporânea – o que inclui as tecnologias da informação e as artes –, é a vigência do humor como forma de aprendizagem. O livro traz uma série de artigos, os quais permitem o entendimento de que uma educação comprometida com o ritmo da vida a que estamos acostumados não pode prescindir do humor. Merecem destaque artigos como *Humor, educação e pós-modernidade*, de José Sterza Justo; *Poesia e escola*, de Joan Fortuny, que resgata a metáfora como expressão das vivências sutis da experiência humana; *Escola não é lugar de brincar*, de Maria Lúcia de Oliveira, e *Ousar brincar*, de Mário Sérgio Vasconcelos, no qual é lançada a pergunta: “[...] se brincar traz elementos importantes para a constituição humana, por que instituições escolares da contemporaneidade excluem e/ou não valorizam esse poderoso elemento simbólico como fator essencial para o processo de construção da subjetividade do sujeito e do conhecimento?”. Como forma prática de encaminhamento de propostas no campo do humor na escola, o artigo de João Batista Freire apresenta sua visão de “Uma pedagogia lúdica”. O livro constitui um serviço a todos que buscam fundamentos teóricos e metodológicos para abrir às escolas a possibilidade de um diálogo mais vivo com as novas gerações.